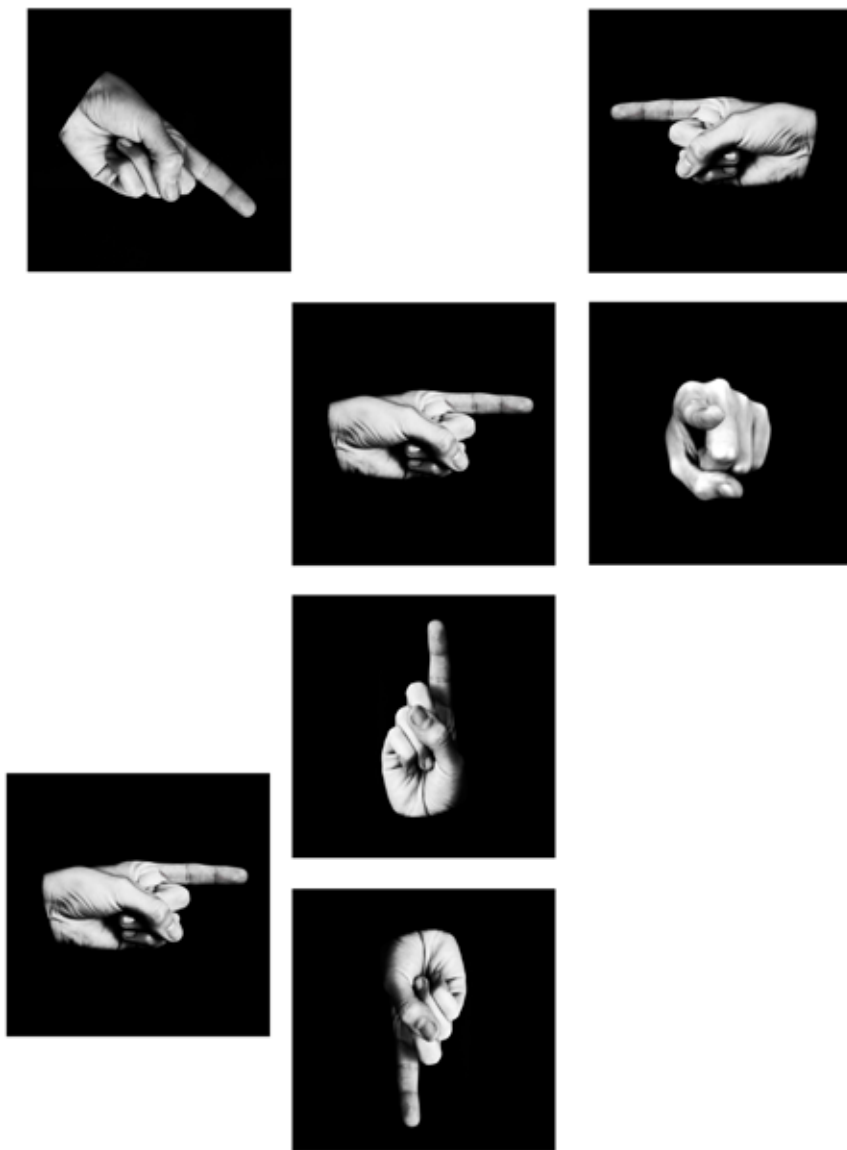


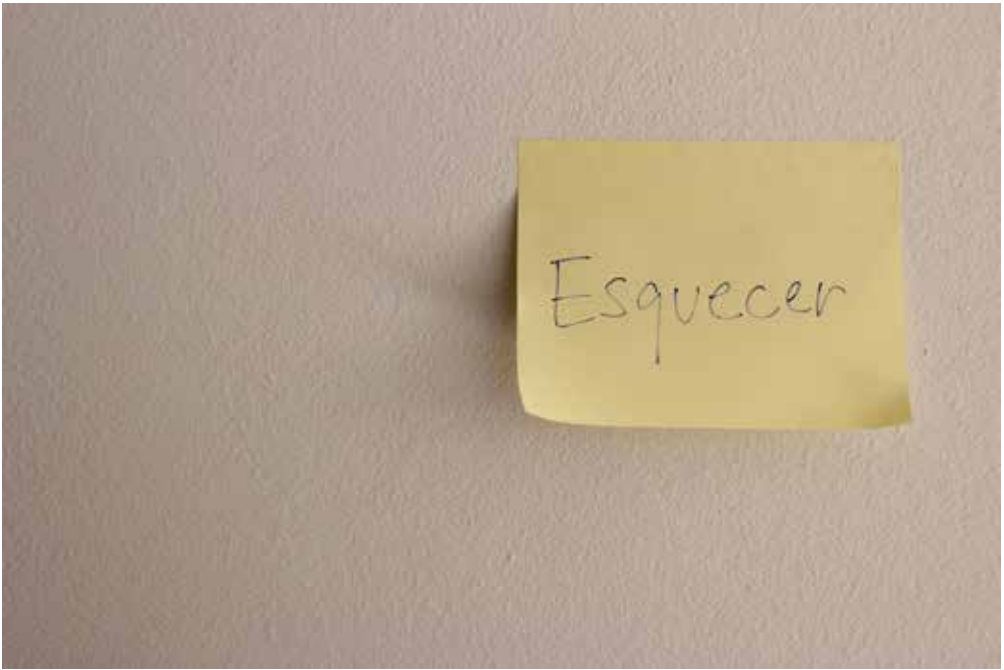
ENSAIO VISUAL

Fundo do Fora

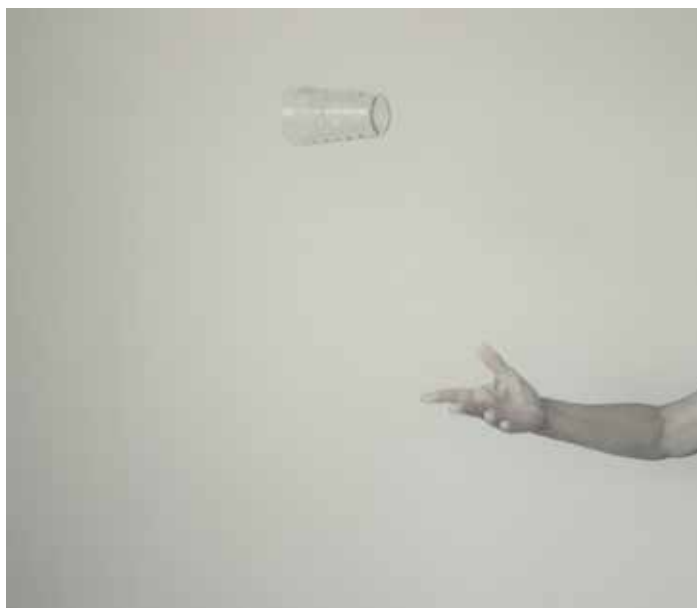
Letícia Bertagna



Apontamento, políptico, fotografia, 20 x 20 cm (cada), 2016



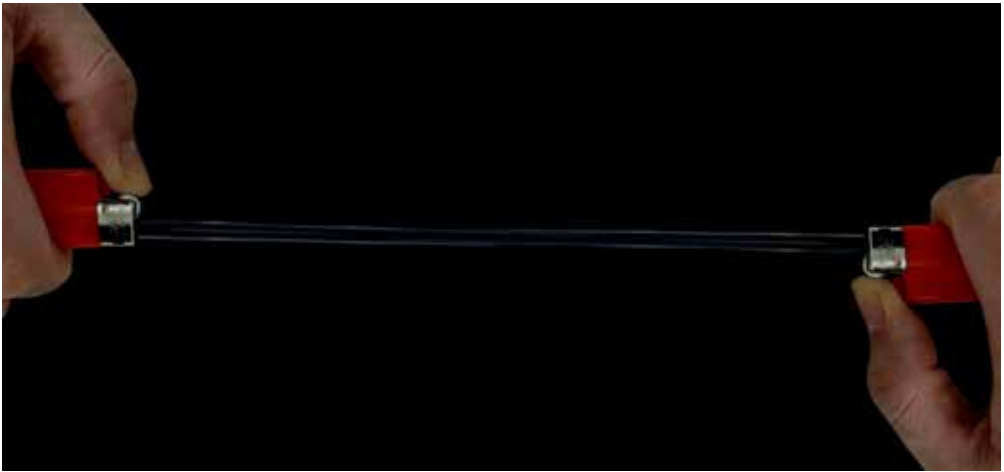
Lembrete, fotografia, 42 x 62 cm, 2014



Jogo, díptico, fotografia, 40x40 cm (cada), 2017



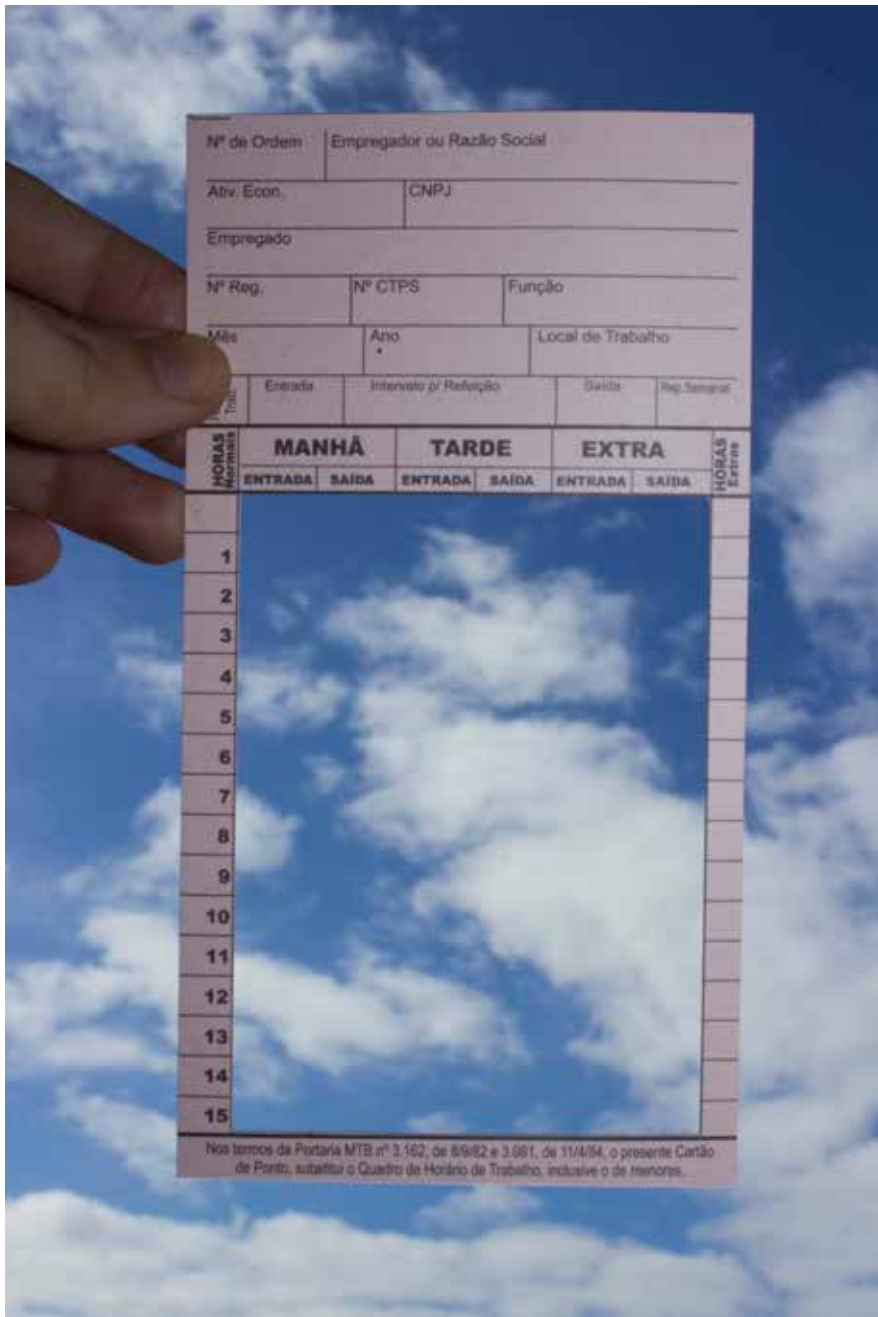
Tempero, 2006 – ongoing, 14,8 x 10,2 cm



Acendedor de horizontes, fotografia, 36,5 x 76 cm, 2016



Mapa, fotografia, 62 x 42 cm, 2015



Mãos à obra, fotografia, 62 x 42 cm, 2016



Pequena ponte, fotografia, 42 x 62 cm, 2015

Fundo do Fora

LETÍCIA BERTAGNA

O jogo de palavras que dá nome ao conjunto de imagens deste ensaio visual é um convite à dúvida. Afinal, que lugar poderia ser este profundamente exterior? *Fundo do fora* anuncia o desejo pelo que escapa à racionalidade e, por isso mesmo pode, quem sabe, surpreender. A incoerência do título se relaciona ainda com a sensação de desorientação que a dúvida aciona. Também diz respeito à situação paradoxal que estamos vivendo hoje em relação aos lugares, objetos e sujeitos, fundamentais para elaborar a nossa relação com o mundo: se por um lado atingimos um complexo domínio técnico e científico sobre as coisas, obtivemos informações precisas e até então impensáveis, construímos sofisticados instrumentos de comunicação para nos manter ligados às pessoas e espaços, por outro, às vezes temos também a impressão de que nunca estivemos tão perdidos.

A partir dessa sensação de desorientação me interessa construir imagens que buscam apresentar o desafio de atribuir sentidos às ações e aos objetos cotidianos e estimular a imaginação ao liberar os lugares da sua lógica primeira, abrindo espaço para outras narrativas, que fogem do esperado. A partir da categoria de lugar, podemos acolher o questionamento de Milton Santos: “o que é, hoje, a consciência do lugar?”, para depois observar que “hoje certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência mundo, obtida através do lugar”¹. Implícita nesta colocação está a ideia de que, apesar da complexa rede de relações que se estende sobre o globo,

as particularidades do lugar concorrem o tempo inteiro em nossa experiência das coisas. Os objetos cotidianos adquirem, assim, uma grande relevância, eles solicitam a nossa atenção na medida em que o geógrafo nos lembra: “nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam”². Trata-se, pois, de um exercício de afastar, nem que seja por breves instantes, os objetos demasiadamente próximos de sua eficiência mofada, da relação de familiaridade embotada que estabelecem conosco. O esforço é de ultrapassar o hábito para tentar fornecer a objetos e ações comuns uma gama mais vigorosa de significados. Dar-lhes, nem que seja por um instante a possibilidade de trilhar direções menos úteis para que, desse modo, possam encontrar os espaços simbólicos negligenciados na veloz opacidade do cotidiano.

Talvez, de um modo meio redutor, possamos apontar dois tipos de processos artísticos a partir de temporalidades distintas: uma estaria próxima ao cultivo, à espera, a um tempo lento em que uma determinada materialidade vai tomando forma. O outro modo estaria ligado à instantaneidade, ao momento presente, que é capturado ou nos lança a outro estado com certa rapidez. Nesse conjunto, as imagens surgem como lampejos em meio à vivência doméstica, como um tipo de fuga da minha rotina diária em que vários papéis sociais, às vezes aparentemente inconciliáveis, se sobrepõem: mãe, artista, dona de casa, professora..... Trazendo a instantaneidade como um dos modos de fazer, não desejo enaltecer a rapidez produtivista ou impenhada, mas percebo que no processo dessas fotografias há um fazer entusiasmado que surge da urgência. É aí que as imagens viram espécies de anotações, em um ato desvairado e desejoso de alguma apreensão de meu lugar no mundo.

Lembro aqui da situação que o cineasta Jonas Mekas narra ao explicar o método fragmentário que estrutura seus filmes: “não tive longos períodos de tempo para preparar um roteiro, depois passar meses filmando, em seguida editar etc. Tive apenas fragmentos de tempo que me permitiram filmar apenas fragmentos de película. Todo o meu trabalho pessoal tomou a forma de notas. Pensava que devia fazer tudo o que pudesse naquele momento, do contrário poderia não achar mais tempo livre por semanas. Se posso filmar um minuto – filme um minuto. Se posso filmar dez segundos – filme dez segundos. Aproveito o que posso, por desespero.”³. Penso que o desespero, por necessidade, pode se transformar em destreza. Talvez seja uma forma de vislumbrar o polo positivo da temporalidade encolhida que nos assola.

Italo Calvino diz o seguinte: “A velocidade mental vale por si mesma, pelo prazer que proporciona àqueles que são sensíveis a esse prazer, e não pela utilidade prática que se possa extrair dela. Um raciocínio rápido não é necessariamente superior a um raciocínio ponderado, ao contrário; mas comunica algo de especial que está precisamente nessa ligeireza”⁴. Acredito que este “algo especial” se refere à imaginação: retirar-se momentaneamente da realidade “para construir uma ficção paralela ao mundo real”⁵ que, por não estar totalmente desligada desse mundo, pode estimular nosso desejo por ele.

A maneira como as imagens foram produzidas, acredito, pode reverberar no modo como são recebidas, e gostaria que, assim como breves notas, elas pudessem registrar e desdobrar o cotidiano. “Numa narrativa”, diz Calvino, “um objeto é sempre um objeto mágico”⁶ e a economia de palavras possui uma força sugestiva em que tudo é deixado à imaginação. O tempo é contraído em favor da intensidade e precisão. Para ele, a concisão é o resultado da união entre eficácia narrativa e sugestão poética, quando algo mínimo é capaz de se multiplicar em ideias, interpretações, associações. Em tempos tão comprimidos como os nossos, essa economia de gestos, imagens e palavras é um valor inestimável, mas é importante estar atento para não confundir economia com pobreza. Essa, já sabemos desde Walter Benjamin, vem arruinando a nossa experiência de mundo pelo menos desde as barbáries do século passado, mas o desejo de uma vida mais potente, esse persevera em nós.

NOTA

1 SANTOS, Milton. *O lugar: encontrando o futuro*. In: *Revista de Arquitetura e Urbanismo UFBA*, v. 4, n. 1, 1996, p. 37.

2 SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 20017, p. 321.

3 MEKAS, Jonas. *O filme-diário*. In: LABAKI, Amir (Org.). *A verdade de cada um*. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 130.

4 CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 58.

5 TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do corpo e da imaginação*. Alfragide, Portugal:Editorial Caminho, 2013, p. 379.

6 CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 47.

LETÍCIA BERTAGNA
letibertagna@gmail.com

Artista visual, vive e trabalha em Juiz de Fora/MG. Possui Bacharelado em Artes Visuais (UFRGS) e mestrado em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFRGS) Atualmente é professora do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ. Em sua prática artística busca estabelecer relações entre os modos de viver na contemporaneidade e as possibilidades de construção de imagens e narrativas em diferentes linguagens como fotografia, vídeo e objeto.

